

ROTEIRO PARA UM IMPROVÁVEL ABECEDÁRIO DE DANIEL LINS

Túlio Muniz¹

“Improvável” por não ser espontâneo e proferido pelo seu próprio autor, como deve ser todo Abecedário – como os Abecedários de Deleuze e de Sila, a Cangaceira –, como virá a ser (?) um Abecedário do próprio Daniel Lins. Também porque mesclo citações da lavra de Daniel selecionadas por mim, não por ele. Nem de longe é trabalho metodológico, e sim uma mescla de fichamentos de leituras minhas acerca de escritos de Daniel com falas dele capturadas da internet, por vezes falas de terceiros.

“Improvável” por, numa mesma ‘letra’, elencar e propor conceitos e palavras diferentes, deixando algumas a girar solitárias, à maneira de quem busca encontro num carrossel, num tipo de devir-movimento (todo devir é movimento), como uma ponte, como ‘reticências’, e não ‘ponto final’. Enfim, trata-se de mera brincadeira, à espreita e à espera de outras palavras imprevistas, indizíveis, ou melhor, que só por Daniel podem vir a ser ditas, quando/se ele compuser o seu próprio Abecedário.

¹ Professor de História na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Jornalista profissional.

A

ALEGRIA, que, para Daniel, é “força revolucionária”: “Nem sempre a alegria foi pensada ou sentida como uma força, menos ainda como uma potência revolucionária. A alegria pode ser também associada à liberdade que possui todo sujeito de agir, amar e cultivar sua felicidade. Diria que a alegria é o próprio sentido da existência, pois é a realização do desejo vital e erótico de tornar-se amoroso de si, dos outros e da totalidade. Eis a força da alegria ativa: aquela na qual nos modificamos a nós mesmos aumentando, assim, nosso *conatus*, nosso desejo, nosso ser em devir, nossa vontade positiva de potência, fôlego criativo, plataforma flutuante, arquipélago contra as paixões tristes”. (Lins, 2008, pgs. 46-47).

ARTAUD- Daniel cita e se referêcia a Artaud em vários escritos seus. Em suas pegadas, foi até o México...

B

BOB DYLAN: “Como eu, milhões de jovens chegaram ao movimento hippie graças ao gênio de Dylan, em diversos platôs de sua atuação. Poeta engajado, numa curta fase, cantor engajado, e defensor explícito dos oprimidos, numa mais curta fase ainda; compositor, cineasta às horas vagas, amante de muitos amores, nem sempre fáceis, defensor da natureza e da paz, rebelde com ou sem causa, sonhador das errâncias e países perdidos, Dylan foi certamente uma fonte não negligenciável de simpatia e adesão ao movimento hippie no ocidente.” (Daniel Lins, em “Dylan, hippies, beatnik”, 2011).

BÉLGICA, seu primeiro porto seguro no exílio, perseguido pela ditadura militar.

BENEDITO (ou Expedito?), salvo-conduto para o exílio, história que só Daniel pode contar – não por segredo, mas por ele saber transformar em riso o que poderia vir a ser uma tragédia.

C

CRUELDADE: “A crueldade do devir é puro devir, inocência do devir — inocência que é pontuada por uma força da calma e por uma constelação de afetos viris — virilidade para além do gênero, para além do bem e do mal, pois a distinção entre o bem e o mal é a obra da fraqueza. O devir na sua beleza extrema é Vontade de Potência positiva ancorada num movimento para o infinito, para o excesso, excesso que é crueldade, isto é, vida!” (Lins, 2004).

CASTORIARDIS. Um de seus mestres/cúmplices na academia.

CORPO sem ÓRGÃOS.

D

DELEUZE: Para Daniel, Deleuze é 'Surfista da imanência'. A relação 'Deleuze em Daniel, Daniel em Deleuze' não caberia num verbete que não seja composto pelo próprio Daniel.

DEVIR.

E

ESCREVER. "Neste contexto, emerge como um furacão a pergunta: 'O que é escrever?'. Ante essa terrível questão, sempre retomada, mas nunca fechada, que desde Blanchot concentrou o essencial da reflexão contemporânea sobre a literatura, Deleuze não hesita um segundo. Não há mistério, seu vitalismo de origem nietzschiana lhe fornece a simplicidade de sua resposta: Por que escrever senão para "libertar a vida em todos os lugares em que ela é prisioneira"? Podemos, desde já, a partir dessa intuição organizadora de toda sua obra, afirmar que a tarefa maior do pensamento é libertar a vida, inventar novas possibilidades de vida". (Daniel Lins, "A escrita rizomática", 2012).

ESPINOSA, de quem Daniel deriva, entre tantas, suas reflexões acerca de Ética, de Natureza.

F

FRANÇA. País que lhe deu tudo, uma vida, muitas vidas.

G

GUATTARI. Se Deleuze é o 'surfista', Guattari é a prancha, a onda, a dobra...

H

HILDEGARD VON BINGEN, uma das muitas mulheres presentes na obra de Daniel (como Marguerite Duras, Clarice Lispector, Tereza d'Ávila, Maria Bonita...).

I

ÍNDIA. Conhecedor de meio mundo, suspeito que, onde quer que esteja, Daniel mantém uma parte de si morando na Índia, e se mantém habitado por ela, pela Índia, onde chegou a viver um ano da vida.

ÍNDIOS: Daniel tem ascendência indígena (Pankaruru?) por parte de mãe. Além de Espinosa, é provável que dessa ancestralidade advenha seu interesse pela natureza, pelos índios.

IMANÊNCIA.

J

JACQUES RANCIÈRE. Outro de seus mestres/cúmplices na academia. Em 2004, a convite de Daniel, Rancière participou do Simpósio “Arte e Resistência”, e causou certo furor com a palestra “Será que a arte resiste a alguma coisa?” Rancière: “A dificuldade que este tema implica é simples de ser formulada: a junção dessas duas palavras faz imediatamente sentido. Mas isso ocorre no mundo da opinião. Em tal mundo, admite-se que a arte resiste e que ela o faz de modos diversos que convergem num poder único. Por um lado, a consistência da obra resiste à usura do tempo; por outro, o ato que a produziu resiste à determinação do conceito. Supõe-se que quem resiste ao tempo e ao conceito naturalmente resiste aos poderes. (...) Conhecemos, de resto, a dupla dependência da arte em relação aos mercados e aos poderes públicos e sabemos que os artistas não são nem mais nem menos rebeldes do que as demais categorias da população” (na pg. 126 *Nietzsche/Deleuze. Arte Resistência*).

K

KHATIBI

“Em Khatibi, a identidade está sempre pronta a dar à luz a devires órfãos, a monstruosidades de um corpo que não aguenta mais. Nostalgia ativa de um corpo pleno: Corpo sem Órgãos que nada tem contra o corpo, mas que milita com sua máquina de guerra contra os organismos que impedem o gozo da escrita e a emergência de um pensamento dançarino (...). Khatibi deseja chamar a atenção para a necessidade de ‘pensar o mal’ na vida. A hibridez é um apoio que permite ao autor criticar uma visão do mundo (a dualidade: o Bem e o Mal, na sociedade muçulmana ou cristã) inscrevendo

o 'Mal' no coração do bem: o mal é o mau encontro; o Bem é o bom encontro" (Daniel Lins, em "Abdelkebir Khatibi: O Livro do Sangue").

L

LAMPIÃO (pretexto pra dizer CANGAÇO): "O que tentei fazer, diante do vazio de pesquisas acadêmicas acerca de Lampião, em particular, e do cangaço em geral, foi mostrar como era possível, para além do 'racismo de classe' (Bourdieu) da academia, salvo honrosas exceções, trabalhar o cangaço e Lampião segundo uma metodologia séria, numa linguagem rigorosa, sem matar a poesia da personagem nem a força do imaginário popular que criou, à sua maneira, uma constelação de lendas e contos extraordinários, cotidianos, a respeito de Lampião. (...) Mas, no final, terminou sendo o vitorioso no imaginário contemporâneo de mossoroenses que fizeram dele seu herói: Museu do Cangaço, túmulo de 'santo' Jararaca. O 'bandido' de ontem tornou-se o herói maior de hoje! Do folclore ao turismo e às letras. Lampião, como todo herói, mesmo quando perde, ganha. (...) No Brasil a escassez de estudos sobre o cangaço faz até pena! Nas próprias Academias, o silêncio é quase total. A história, nem se fala. (...) Mas o cangaço, apesar desse mutismo, ocupa ainda o imaginário brasileiro – e como! – para além da denegação e do desprezo de uma elite iletrada ou pouco letrada, avessa à 'cultura do pobre', basta ver a presença de Lampião e Maria Bonita no teatro, na moda, na dança e, por vezes, ainda no cinema etc. Enquanto isso, no estrangeiro – França, Itália, Espanha, Alemanha, Estados Unidos e Canadá – em dez anos, seis mestrados e cinco teses de doutorado foram escritos sobre Lampião e o cangaço. A última (Sorbonne, Paris 2002) foi premiada e publicada, alcançando um enorme sucesso. Meu livro, *La Passion Selon Lampião Le Roi des Cangaceiros*, (Editora Seuil) vendeu em dez anos mais de 30 mil exemplares, em edição de bolso. Lampião e Maria Bonita estão mortos? Viva Lampião! Viva Maria Bonita! ". (Trechos de entrevista concedida à "Revista Preá", número 10, de jan/fev-2005).

M

MÚSICA CLÁSSICA: É metade da alma de Daniel. A outra metade, suspeito, é fado, rock e reggae – sempre com um cantinho para Núbia Lafayette e Maysa.

N

NIETZSCHE: Outra relação impossível de se definir num único verbete. Não existisse Nietzsche, uma obra como a de Daniel não existiria. Aliás, não existiria livre pensamento a partir do séc. XIX. Sugestão: assistir Daniel em “Nietzsche: um século de papo cabeça com o Brasil”, in <https://www.youtube.com/watch?v=1saZGzLM1Vk>.

NOMADISMO.

O

“**O DEDO NO OLHO**” metáfora que pode ser *des-dobrada* em tanto outros adjetivos para evocar o pensamento provocador de Daniel.

P

PIERRE BOURDIEU: também mestre/cúmplice, outro verbete insopitável. Com Bourdieu e Suely Rolnik, Daniel compôs dois livros no Brasil: *Cultura e Subjetividade. Saberes Nômades* (1997) e *A dominação Masculina Revisitada* (1998, aqui também com Loïc Wacquant). Ambos os livros publicados pela Papyrus Editora.

Q

QUEIJOS??? Sim, franceses e mineiros.

R

ROCK'N ROLL. Daniel é um dos filósofos que influencia uma jovem geração de pensadores a pensar *com* o rock 'n roll – Dylan, Stones, mas também Engenheiros do Hawaii, Cazuza, Legião Urbana. Marcos Carvalho Lopes, meu amigo e jovem filósofo, professor da UNILAB onde coordena o Bota Fala, grupo de *hip hop* de estudantes africanos e brasileiros, um dia me disse algo como: “O Daniel foi o primeiro filósofo de quem eu ouvi: ‘rock dá filosofia’”. Ou ainda, nas palavras do músico Fernando Chuí:

“Nesta última sexta-feira, dia 15 de outubro, eu e o filósofo-xamã Daniel Lins discutimos sobre Bob Dylan e sua importância iconoclasta no contexto do rock e do comportamento na

sociedade pós anos sessenta. (...) A filosofia de Daniel Lins nos abraça e transforma assim como os mitos e as grandes canções". (Fernando Chuí, artista plástico, escritor, cantor, compositor, guitarrista e violonista brasileiro em <http://fernandochui.blogspot.com.br/2010/10/rock-filosofia-ii-chui-daniel-lins.html>).

RESISTÊNCIA: Pensar com Daniel, com seu pensamento *ato-ação*, é arma para resistir ao golpe em curso no Brasil.

S

SIMPÓSIO: Melhor definição? É ler este volume da "Lampejo".

SYLVIE: companheira de vida, de percursos (e percalços), de jornadas...

SÃO PAULO. Seu abrigo cosmopolita no Brasil, outrora, hoje, sempre...

SURF.

T

TEATRO: Daniel ama o teatro, vive o teatro, escreveu dos mais importantes livros a acerca de Antonin Artaud e seu Teatro da Crueldade, *Artaud, o artesão do corpo sem órgãos* (duas edições). Atualmente produz e dirige peça a vir a público, em breve, adaptação de parte de *O último copo. Álcool Filosofia Literatura*.

TRANSVERSALIDADE: "É o eixo peculiar à construção da Estética como Acontecimento. Terreno fértil, propício ao exercício de um pensamento rizomático, que se designa como abertura às leituras plurais da realidade, e como um pensamento não ilhado à experiência e aos experimentos que supera a supremacia de uma razão única e a dualidade cartesiana – espírito e corpo – a transversalidade é um rizoma. (...) O conceito de transversalidade, elaborado por Guattari, ou *transversalidade de lutas*, noção que ele compartilha com Foucault, confirma a vida inserida na criação, no pensamento, em todos os seu movimentos, tramas e alegria próprias ao conhecimento" (Daniel Lins, de *A Estética como Acontecimento. O Corpo sem órgãos*).

U

UNIVERSIDADE. Seu campo de batalhas e encontros, nos intra-muros e, sobremaneira, fora deles.

V

VIAJAR: Brasil e mundo afora, para Daniel viajar é preciso, e viver também. Roubei de Daniel a citação a seguir, em publicação recente do seu perfil no Facebook:

“Pensar é viajar’. Por que viajar? Para escapar de quê? Deleuze, que detestava viajar, dizia: “Pensar é viajar”. Por minha parte, inverto a questão: viajar é pensar, é nomadizar para pensar. Viajar é sempre uma ruptura e uma descoberta - não necessariamente a que se pretendia. Mas, viajar é também o asilo de meus sonhos, uma pulsão do olhar, uma pulsão do longínquo. O que me pulsa para alhures é uma ausência inominável, apenas articulada no fluxo do efêmero que tenta, todavia, fazer do desejo o ato de perceber a força que me leva ao devir, ao movimento. Viajar para escapar do ser: estático, paranoico, ladrão de sonhos...” Daniel Lins, FACEBOOK, 20 de julho/2017.

VINHOS: longe de ser um vício, vinho, para Daniel, é culto, sabedoria, *in vino veritas*.

W

WOLFGAN Amadeus Mozart: apenas um álibi para dizer de novo ‘música clássica’ (e por não me ocorrer nada com ‘w’ que seja ao gosto de Daniel).

X

XAMANISMO: Daniel, e sua escrita filosófica, bruxa, xamânica. Nas pegadas de Artaud, de 1936, Daniel foi até o México, em 2015, ao país dos índios Tarahumaras.

Y

YOURCENAR, Marguerite – a sua ‘outra’ Marguerite – pois há Marguerite Duras, cuja paixão está sendo adaptada por Daniel para o teatro. De Yourcenar, Daniel de certo aprecia *A Obra em Negro*, e *Memórias de Adriano* e o ‘*afecto mal-dito*’ (Paulo Rogers) entre o imperador e Antínoo.

Z

ZENON, de *A Obra em Negro*, personagem fictício, livre pensador que Yourcenar situa no séc. XV, compondo um misto de Giordano Bruno, com Sócrates, com Espinosa, com Nietzsche, com o futuro.

BIBLIOGRAFIA

-LINS, Daniel, "A Escrita Rizomática", in *Revista Polichinello* n. 10, Belém, 2012.

_____ *A Estética como Acontecimento. O Corpo sem órgãos*, São Paulo: Lumme, 2012.

_____ "Dylan, hippies, beatnik - fragmentos de um livro por vir", Blog Paris-Sampa, Entre Deux Eaux Entre Duas Águas, Maio 2011.

_____ "Abdelkebir Khatibi: O Livro do Sangue", in *Revista Polichinello*, n. 09, Belém, 2011.

_____ "A alegria como força revolucionária", in Furtado, Beatriz e Lins, Daniel (orgs. 2008), *Fazendo Rizoma*, São Paulo: Hedra, pgs. 45-58, 2008.

_____ *Nietzsche/Deleuze. Arte Resistência* (LINS, Daniel, org.), Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2007.

_____ "Crueldade do devir e corpo-drogado", in *Verve*. Revista semestral autogestionária do Nu-Sol, PUC-SP, 2004.